

# CASTRO.

TRAGEDIA.

PESSOAS DA TRAGEDIA :

CASTRO. *Tecey*  
AMA.  
CHORO DAS MOÇAS DE  
COIMBRA.  
IFFANTE D. PEDRO.

SECRETARIO SEU.  
ELREY D. AFONSO IV.  
PERO COELHO.  
DIOGO LOPES PACHECO.  
MESSAGEIRO.

## ACTO I.

CASTRO, AMA, CHORO.

CASTRO.

Colhey, colhey alegres,  
Donzellas minhas, mil cheirosas flores.  
Tecey frescas capellas  
De lyrios, e de rosas; coroay todas  
As douradas cabeças.  
Espirem suaves cheiros,  
De que s'encha este ar todo.  
Soem doces tangeres, doces cantos.  
Honray o claro dia,  
Meu dia tam ditoso! a minha gloria  
Com brandas liras, com suaves vozes.

204

CASTRO.

•  
AMA.

Que novas festas, novos cantos pedes?

CASTRO.

Ama, na criação ama, no amor mãy,  
Ajuda-m'ao prazer.

AMA.

Novos estremos vejo.

Nas palavras prazer, agoa nos olhos.  
Quem te faz juntamente leda, e triste?

CASTRO.

Triste não póde estar, quem vês alegre.

AMA.

Mistura ás vezes a fortuna tudo.

CASTRO.

Riso, prazer, brandura n'alma tenho.

AMA.

Lagrymas sinaes são da má fortuna.

CASTRO.

Tambem da boa fortuna companheiras.

AMA.

A dor são naturaes.

CASTRO.

E ao prazer doces.

AMA.

Que força de prazer tas traz<sup>1</sup> aos olhos?

<sup>1</sup> Já por vezes temos notado o nenhum cuidado que os nossos classicos empregavão afim de evitarem os cacophatons, e sons desagradaveis ao ouvido. N'este ultimo caso está o *tas traz*.

CASTRO.

Vejo meu bem seguro, que receava.

AMA.

Que novo caso foy? que bem te veo?

Porque me tens suspensa?

Abre-me já, Senhora, essa alma tua.

O mal s'abranda, o bem contando-o cresce.

CASTRO.

O Ama, amanheceo-me hum alvo dia.  
 Dia de meu descanso. Sofre hum pouco  
 Repetir de mais alto a minha historia,  
 Em quanto o sprito lêdo co a lembrança  
 De seu temor, de que já está seguro,  
 Ajunta ao mal passado o bem presente.  
 Daquelle grande Afonso forte, e sancto  
 Por poderosa mão de Deos alçado  
 Entre armas, ant'imigos o Real cetro  
 Do grande Portugal, que inda está tinto  
 De sangue de infieis por seu bom braço,  
 Por legitima herança rege, e manda  
 O bom velho glorioso da victoria,  
 E nome do Salado, Afonso Quarto,  
 Dos Reys de Portugal setimo em ordem,  
 Filho do grande Dinis, de Isabel sancta,  
 Ambos já no alto Ceo claras estrellas.  
 Cúja alta casa, e acrecentado Imperio  
 Pelos grandes avós, espera alegre  
 Seu desejado herdeiro o Iffante Pedro,

Meu doce amor, minha esperança, e honra.  
 Sabes como, em saindo dos teus braços  
 Ama, na viva flor da minha idade,  
 (Ou fosse fado seu, ou estrella minha)  
 Cos olhos lhe acendi no peito fogo,  
 Fogo, que sempre ardeo, e inda arde agora  
 Na primeira viveza inteiro, e puro.  
 Por mim lhe aborreciam altos estados.  
 Por mim os nomes de Princezas grandes,  
 Por tam grande me avia nos seus olhos.  
 Hum tempo duro, mas em fim forçado  
 Deu a Costança <sup>1</sup> a mão, Costança aquella  
 Por tantas armas, e furor trazida,  
 Já quasi do seu fado triste agouro:  
 Deu a Costança a mão, mas a alma livre,  
 Amor, desejo, e fé me guardou sempre.  
 Quantas vezes quizera honestamente  
 Podê-la dar a mim! quantas mais vezes  
 S'arrependeo depois de se ver prezo!  
 Não lhe apagou o amor a nova esposa;  
 Não o tam festejado nascimento  
 Do desejado parto: antes mais vivo  
 Co tempo, e co desejo ardia o fogo.  
 Que fará? se o encobre, então mais queima.  
 Descobri-lo nam quer, nem lhe he honesto.  
 Mas quem o fogo guardará no seo?  
 Quem esconderá amor, que em seus sinaes

<sup>1</sup> Dizemos hoje Constancia, tanto no sentido de firmeza, como para designar nome proprio de mulher.

A pezar da vontade se descobre?  
 Nos olhos, e no rosto chamejava.  
 Nos meus olhos os seus o descobriam.  
 Suspira, e geme, e chora a alma cativa  
 Forçada da brandura, e doce força,  
 Sogeita ao cruel jugo, que pezado  
 A seu desejo sacudir deseja.  
 Não póde, não convem : a furia cresce.  
 Lavra a doce peçonha nas entranhas.  
 Os homês foge, foge a luz, e o dia.  
 Só passeia, só fala, triste cuida.  
 Castro na boca, Castro n'alma, Castro  
 Em toda parte tem ante si presente.  
 Elle á mulher cuidado, eu odio, e ira.  
 Arde o peito a Costança em furor novo.  
 Nem me ousam descobrir, nem vedar nada.  
 D'antiga Casa Castro em toda Hespanha,  
 Já dantes do Real cetro deste Reyno  
 Por grande conhecida, inda meu sangue  
 Do Real sangue seu tinha grã parte.  
 Mas inda á natureza dobram força,  
 Arte ajuntando, e manha : elRey ao neto  
 Por madrinha me dá, comadre ao filho.

AMA.

Cegos, que quanto mais vedam, mais chamam.  
 Cresce co a força Amor : e o que á vontade  
 Se faz mais impossivel, mais deseja.

CASTRO.

Em fim, fortuna, que me já chamava

Esta gloria tam grande, quebra o nó  
 Daquelle jugo a meu amor contrario.  
 Leva ante tempo a morte a Iffante triste.  
 Herdo eu mais livremente o amor constante,  
 Que a mim se entregou todo, e todo vive  
 Na minh'alma, onde está seguro, e firme,  
 Já com doces penhores confirmado.  
 Mas o sprito inquieto cos clamores  
 Do povo, e rogos graves, que trabalham  
 Apartar est'amor, quebrar sua força,  
 Me traziam medrosa receando  
 A volta da fortuna, que hora amiga  
 Hora imiga cruel alça, e derriba;  
 Que sempre do mór bem, mór mal promette  
 Falsa, inconstante, cega, varia, e forte.  
 Lograva como a medo os meus amores.  
 Criava o grande amor desconfiança :  
 E a consciencia errada sempre teme.

AMA.

Quem te segurou já? quem novo sprito  
 Te deu aos temores?

CASTRO.

O meu medo.

AMA.

Contrarias cousas falas.

CASTRO.

O medo ousa

As vezes mais que o esforço : tomo os filhos

Co as lagrymas nos olhos, rosto branco,  
 A lingua quasi muda, em choro solta  
 Ant'elle assi começo : meu Senhor,  
 Soam-me as crueis vozes deste povo,  
 Vejo delRey a força, e imperio grave  
 Armado contra mim, contra a constancia,  
 Que em meu amor tégora tens mostrado.  
 Não receo, Senhor, que a fé tam firme  
 Queiras quebrar a quem tua alma déste;  
 Mas receo a fortuna que mais possa  
 Com seu furor, que tu com teu amor brando.  
 Por estes minhas lagrymas, por esta  
 Mão tua, que em sinal de fé me déste,  
 Pelos doces amores, doce fruito,  
 Que delles tens diante, se me debes  
 Amor igual ao meu; ou se algũ'hora  
 Fui a teus olhos vista alegre, e doce,  
 Me segures, me guardes, me conserves  
 Contra os duros mandados de teu pay,  
 Contra importunas vozes dos que podem  
 Mudar acaso teu constante peito.  
 Ou quando minha estrella, e cruel genio  
 Te puder arrancar dest'alma minha,  
 Com teu armado braço envolta em sangue  
 M'arranques deste corpo, que não veja  
 Tam triste dia, tam cruel mudança;  
 Eu tomarey por doce a minha morte :  
 Por piadoso amor, tal crueldade.

AMA.

Moveste-me a alma, e os olhos.

CASTRO.

Assi disse. Elle então lançando os braços  
 Estreitamente em mim, mudado todo  
 Em vão trabalha de encobrir a mágoa  
 De meu temor, e lagrymas. E póde  
 O Dona Ines, me diz, póde teu peito  
 Conceber tal receo? aquelle dia  
 Primeiro, que te vi, não mostrou logo  
 Que esta minh'alma á tua só se deve?  
 Por ti a vida me he doce, por ti espero  
 Acrecentar imperios : sem ti o Mundo  
 Duro deserto me pareceria.  
 Não poderá fortuna, não os homês,  
 Não estrellas, não fados, não planetas  
 Apartar-me de ti por arte, ou força.  
 Nesta tua mão te ponho firme, e fixa  
 Minh'alma; por Iffante te nomeo,  
 Do meu amor Senhora, e do alto estado,  
 Que me espera, e teu nome me faz doce.  
 O grande movedor dos Ceos, e terras  
 Invoco, e chamo aqui : o alto Ceo m'ouça,  
 E meu intento sancto approve, e cumpra.

AMA.

Entendo o teu prazer, as tuas lagrymas.  
 Tambem de prazer choro : tam contraria  
 Nos he sempre a alegria, que inda toma  
 Lagrymas emprestadas á tristeza.

CASTRO.

Já não temo fortuna, já segura,  
E léda vivirey.

AMA.

No Real sprito  
Não se deve esperar leve mudança.  
Ajuda tua estrella co bom siso.  
Muitas vezes a culpa empece ao fado.  
Prudencia, e bom conselho o bem conserva :  
A soberba o destrue <sup>1</sup>, e em grã mal muda.

CASTRO.

Rege tu, ama minha, este meu peito.  
O subito prazer engana, e erra.

AMA.

Encobre teu segredo.

CASTRO.

N'alma o tenho.

AMA.

Deos to conserve.

CASTRO.

Humilde aos Ceos o peço.

<sup>1</sup> Conjugando regularmente o verbo *destruir* dizião os antigos *destrue*. Hoje porém fazendo-o irregular dizemos *destroe*.

IFFANTE, CHORO.

IFFANTE.

Poderoso Senhor, grã pay do Mundo,  
Cujo poder immenso, altas grandezas  
Cantam os Ceos, a terra, os elementos,  
A cujo acéno treme a redondeza,  
A cujo querer nada he impossivel,  
Fortalece meu peito, arma-me todo  
De paciencia igual á dura afronta.  
Sossega os alvoroços deste povo,  
A furia de meu pay, que em vão trabalha  
Arrancar-me minh'alma donde vive.  
Sou humano, Senhor : tentações grandes  
Vencem animos fortes.  
Ferve o sangue, arde o peito, cresce-me ira  
Contra quem me persegue : tu me amansa.  
Não poderey sofrer, não poderey  
A dura pertinacia, o cruel odio,  
Que ao meu doce amor mostram.  
Vence a dor a razão : vence Amor força.  
Tu conserva, alto Deos, a prometida  
Fé, a quem já de lá dar-ma mandaste.  
Tudo de ti procede : sem ti nada  
Se move cá na terra. Quem entende  
Teus meos, e teus fins, e teus segredos?  
Quantas vezes mal he, o que bem parece!

Quantas vezes o mal causa bens grandes!  
 Quanto tempo sofreste o grande Afonso  
 No nome de Bolonha celebrado,  
 Que novas torres ajuntou ás Quinas,  
 Dura força fazendo ao matrimonio,  
 Contr'as divinas leys, contra as humanas!  
 Quem então não chorava a crueldade  
 Contra o primeiro amor? e quem calava  
 A dura pertinacia do segundo?  
 Mas tu querias dar ao Mundo o grande,  
 Forte, prudente, e sancto, hum só Dinis  
 Paz, e concordia entre altos Reys, que Reynos  
 Deu, e tirou; em armas claro, e em letras.  
 Eu de seu sangue, de seu estado herdeiro,  
 Porque do meu amor tam mal julgado  
 Nam esperarrey grandezas? velas-ey,  
 Velas-ey de ti, Castro; vive leda,  
 Vive segura, lança os medos fóra,  
 Que antes morte, que vida sem ti quero.

## CHORO.

Não he desculpa ao mal, outro mal grande.  
 Quam danoso he no Mundo hum máo exemplo!  
 Mas não pôde assi ser a Razão cega,  
 Que o que reprende em outro, em si o aprove.  
 Cada hum levar-se deixa da vontade.

SECRETARIO, IFFANTE, CHORO.

## SECRETARIO.

Quem ajuntar poder com agoa o fogo,  
 Quem misturar co dia a noite escura,  
 E quem o máo peccado com a virtude,  
 Este no amor ajuntará razão,  
 Este em falsa lisonja a lealdade.  
 Hum o amor não sofre, outro a virtude.  
 E eu destes ambos venho agora armado.  
 Não sey se poderey vencer com elles.  
 S'algum sprito bom me quizesse hora  
 Ajudar lá dos Ceos, e aqui acabasse  
 Esta vida; que fim mais glorioso  
 Que polos Ceos deixar a baixa terra,  
 Antes que por temor honra, e verdade?  
 Aquelle he que lá vejo pensativo;  
 Deos m'inspire que diga sem temor.  
 Confiança ha mister, e animo livre  
 Quem quizer resistir ao máo proposito  
 Do Principe, em que está determinado.  
 Mas deixar de o fazer he vil fraqueza.

## IFFANTE.

Que dirás, Secretario, a tam grã força  
 Como querem fazer a esta minh'alma?

SECRETARIO.

Senhor, mas antes querem dar-ta livre  
 Donde está tam forçada, e tam cativa.

IFFANTE.

Arrancam-me as entranhas, que me querem?  
 Esta gente que quer, que assi me mata?

SECRETARIO.

Querem-te só, e procuram-te tua honra.  
 E quebrar daqui as asas á fortuna  
 Que contra ti não tenha nunca forças.

IFFANTE.

Mas antes lhas vão dando quanto podem,  
 Procurando apartar-me donde vivó.

SECRETARIO.

Se te visses, Senhor, verte-yas morto :  
 Verte-yas cégo, em quanto homem não vive  
 Com su'alma propria, póde a tal ser vida?

IFFANTE.

Tambem tu me persegues? tambem vens  
 Afiado cortar-me estas raizes,  
 Que no meu peito já tam firmes tenho?

SECRETARIO.

Piadosa obra faz ao que está prezo  
 Quem as prisoões lhe corta, e as más cadeas?  
 Oh clarissimo Iffante, meu Senhor,  
 Muito ha que me conheces, teus segredos  
 De mim com razão sempre confiaste.  
 Nunca te descobri as zombarias,  
 Nunca descobrirey o menor delles.

D'hũa parte me tens por Secretario,  
 Mas d'outra me has de ter por Conselheiro.  
 Comprirey eu contigo, e co que devo :  
 Então venha tua ira, que eu não quero  
 Melhor morte, que aquella, que de infamia  
 Livrar a vida, e a alma de perigo.  
 Não vês, Senhor, que o Sol, se escurecesse,  
 Quanto cobre, e descobre, ficaria  
 Tam triste, e escuro, como agora claro?  
 Pois tal he o bom Principe : Sol nosso,  
 Com cuja luz nos vemos, e seguimos  
 A justiça, que aos Ceos nos vay levando.  
 Se s'esta em ti perder, onde a acharemos?  
 Quem a virtude seguirá, quem honra?  
 Abateres-te assi de Principe alto  
 A pensamentos baixos, que s'estrancam  
 Nos homens baixos, parecer te póde  
 Grandeza de ti digna? e do que deves  
 A este estado tam alto, que te espera?

IFFANTE.

Quem tam livre te faz, e tam ousado?

SECRETARIO.

Amor, e lealdade esta ousadia  
 Me dão : dá-ma a Razão, que tem tal força,  
 Que inda que se não siga, não se nega.  
 Lá dentro em ti te vejo estar sentindo  
 Em teu animo Real, e generoso  
 Quasi huma reverencia, a que te move,  
 Inda que com desgosto, a sam verdade.

Não me queres ouvir, mas bem me julgas.  
 Move-te o zelo honesto, a fé tam pura.  
 Deixa-te reprimir de quem bem t'ama,  
 Que ou te aproveita, ou quer aproveitar-te.  
 Não recebas enganar de quem teme,  
 Ou deseja, ou espera, á custa tua,  
 De tua honra, e dos teus, que a tantos mata.  
 Louvas tu, ou alguém louvará aquelle,  
 Que podendo illustrar a gloria antiga  
 De seus passados com mór honra, e fama,  
 Não sómente o não faz, mas escurece  
 Daquella luz antiga o claro rayo?

IFFANTE.

Mas antes não viver merecia esse,  
 Antes não ser nascido : que a Aguiã vemos  
 Os filhos engeitar, que ao Sol não olham.

SECRETARIO.

E que dirás, que julgarás daquelle,  
 Que em vez de se armar bem contr'a fortuna,  
 Causas anda buscando de a ter sempre  
 Contraria a sua vida, e seu estado?

IFFANTE.

Quem não teme a fortuna, e não procura  
 De contr'ella se armar, tê-la-a imiga,  
 Que aos que se lhe mais dão, sempre persegue.

SECRETARIO.

Julgaste-te a ti mesmo.

IFFANTE.

Em que? ou como?

SECRETARIO.

Aquelle claro sangue, aquelle nome  
 Heroico, tam alto, e em todo o Mundo  
 Honrado, e conhecido dos Reys grandes,  
 De cujo tronco vens, não fica escuro  
 Misturado com outro differente  
 Dos que foram nascidos, e criados  
 Pera humildes sofrerem teu Real jugo,  
 Obedecendo ao Imperio, e aos acenos?  
 Depois disto não vês o grã desprezo,  
 Em que serás aos teus? o grã perigo  
 Em que pões este Reyno, co a soberba  
 De poucos, que ergues tanto, e tanto podem  
 Com teu favor, que mostram já desprezo  
 A quem devem mostrar acatamento?  
 Que cousa mais destrue o Rey, e Reyno?  
 Que cousa cria mór desprezo, e odio  
 Que vê-lo sogeitar-se a cousas baixas?  
 Que vê-lo ser mandado de seus vicios?  
 Com que rosto, Senhor, darás castigo  
 Aos que assi commetterem, o que commettes?  
 Como conservarás a obediencia  
 Sancta devida aos pays, pois tu a negas  
 Aos teus no que te pedem justamente?  
 Memoria deixarás de máo exemplo  
 A teus filhos : darás licença larga  
 A Reys, que isto souberem : ao Mundo causa  
 D'escurecer teu nome pera sempre.  
 De hum mal vê quantos males nascem logo :

Todos sobre ti caem : Senhor, vê-te.  
 Conhece-te melhor : entra em ti mesmo.  
 Verás então o porque te importunam,  
 O que te pede elRey, o que teu povo.

## CHORO.

Conselheiro fiel, ousado, e forte  
 Feriste co a razão a alma, que dura  
 Os olhos em vão cerra.

## IFFANTE.

Eu não sou, nem fuy nunca qual me julgas,  
 Ou qual me julgaes todos. Outros olhos  
 Diferentes dos vossos são os meus,  
 Com que me vejo; e vejo que o que faço,  
 Não he tamanho mal, como vós vedes.  
 Eu não faço erro algum : sigo o que o sprito  
 Me diz, e me revela, a quem eu creio.  
 Cos Principes tem Deos outros segredos,  
 Que vós não alcançaes, e como cégos  
 Nos juizos erraes de seus mysterios.  
 Olhay esta molher, vede o que ha nella.  
 D'hum sangue nos formou a natureza :  
 Real he, de Reys vem, de Reys he digna.  
 Do Mundo quizera eu ser só Monarcha,  
 Monarcha de mil Mundos, pera todos  
 Debaixo dos pés pôr, de quem tanto amo.  
 Muy baixa me parece esta coroa  
 Pera aquella cabeça. Olha o que mando :  
 Tu jámais me não fales em tal cousa.  
 Meus duros pays não curem de cansar-me ;

Porque nem posso nisso obedecer-lhes,  
 Nem em o não fazer desobedeço.  
 Arranquem-me a vontade deste peito,  
 Arranquem-me do peito est'alma minha<sup>1</sup>,  
 Entam acabarám o que começam.  
 Não cuidem que me posso apartar donde  
 Estou todo, onde vivo : que primeiro  
 A terra subirá onde os Ceos andam,  
 O mar abraçará os Ceos, e terra,  
 O fogo será frio, o Sol escuro,  
 A Lua dará dia, e todo Mundo  
 Andará ao contrario de sua ordem  
 Que eu ó Castro, te deixe, ou nisso cuide.  
 Dey-te alma, dey-te fé, guardá-la-ey firme.  
 Confio isto de ti, não mo descubras.

## SECRETARIO.

Oh Senhor, que me matas ! Deos quisera  
 Que nunca merecêra honra tamanha.  
 Pois me põem em perigo de deshonra.  
 Seguir tua vontade, he destruir-te,  
 Destruir este Reyno, e teu pay triste :  
 Querer-te apartar della he impossivel.

## IFFANTE.

Sigue<sup>2</sup> minha razão, minha vontade.

## SECRETARIO.

Não te vejo razão, vejo vontade.

<sup>1</sup> Este cacophaton tão censurado em Camões n'um dos seus mais bellos sonetos era commum aos poetas quinhentistas.

<sup>2</sup> Está *sigue* por *segue*.

IFFANTE.

Sigue a vontade, que forçar não podes.

SECRETARIO.

Manda-me o que te devo que a não siga.

IFFANTE.

Queres mandar teu Principe?

SECRETARIO.

Mas sirvo.

IFFANTE.

Obedece ao que quero.

SECRETARIO.

Manda o justo.

• IFFANTE.

Deos só me julga.

SECRETARIO.

E a razão te obriga.

IFFANTE.

Livre á de ser hum Principe.

SECRETARIO.

Cativo

He, quem de si se vence.

IFFANTE.

Inda importunas?

SECRETARIO.

Se te não conselhar, meus são teus erros.

IFFANTE.

Eu te livrarey delles.

SECRETARIO.

A Deos temo.

Tu no corpo só podes, elle n'alma.

Eu aconselhar-te posso, forçar não.

Testemunha me he Deos : e tu tambem.

Amor em ti só reyna, amor te manda

Peçonha doce d'alma, d'honra, e vida.

Mas porque te não movem tantos choros

Da Rainha tua mãy? os tantos rogos

D'elRey teu pay? os tam leaes conselhos

De quantos a teus pés estão lançados,

Pedindo-te piedade deste Reyno,

Que ameaçado está assi da fortuna?

Não te declararás por honra tua,

E prova pera o Mundo, que t'infama

Com nome de peccado pertinaz?

Eu choro de assi ver hũa molher fraca

Mais forte contra ti, que quantas forças

De Deos, do Mundo estão por ti tirando.

IFFANTE.

O perseguição forte, ó odio estranho!

O duros fados todos conjurados

Cos Ceos, e com as estrellas a perder-me!

Que me quereis? que sem razão vos faço

Homês d'entranhas féras, e danadas,

Em ter igual amor a quem mo tem?

A quem he tam devido? quem o Mundo

Todo merece ter, e inda he pequeno?

Homês, que procuraes meu mal, e morte,

Vede bem o que eu vejo : que alto imperio  
Daquelle Real rosto não será  
Honrado, e acrecentado? aquelle rosto,  
Que tanto aborreceis, que Mundos pede !  
Que estados, que grandezas, que triumphos !  
Em corpo tam fermoso a fermosa alma  
Tam sancta , tam honesta, casta, e pura  
Que tacha podeis dar? ou que virtudes,  
Que graças das mais raras, e excellentes  
Não achareis em tudo , quanto mostra?  
Póde ser mais crú odio, e mais injusto?  
Póde ser mór inveja , e mais sem causa?

CHORO.

O quam perigoso he qualquer principio  
De mal, que hum só descuido póde tanto,  
Que traz hum animo alto a tal baixaza!

IFFANTE.

Para onde fugirey, porque me deixem?

SECRETARIO.

De ti ás <sup>1</sup> de fugir, por teu remedio.

IFFANTE.

Não me valerá já ver que não posso?

SECRETARIO.

Tu mesmo te puzeste em tal fraqueza.

IFFANTE.

Não quero, nem desejo arrepender-me.

<sup>1</sup> Está *ds* por *has*, causando amphibologia.

SECRETARIO.

Accrescentas o erro co a vontade.

IFFANTE.

S'he erro, como dizes, não ouve <sup>1</sup> outros?

SECRETARIO.

Ouve, mas todavia foram erros.

IFFANTE.

Desculpem-me outros Reys, e Emperadores.

SECRETARIO.

Como o farám, pois a si não pudéram?

IFFANTE.

Não me persigas mais.

SECRETARIO.

O mal persigo.

IFFANTE.

Hum Principe de hum Reyno tam cativo  
A de ser, que não faça o que costuma  
Qualquer do povo seu.

SECRETARIO.

Hum Principe antes

A de ter seu sprito tam alçado  
Da terra, que della erga o pensamento  
Ao baixo povo seu, pera que o siga.  
Sprito á de ser puro : hum ouro limpo,  
Sem fézes, e sem liga : exemplo claro  
De fortaleza, mansidão, e justiça.

<sup>1</sup> A falta do *h* origina outro equivoco que só o sentido póde resolver.

## IFFANTE.

Vay-te diante mim, fuge minha ira<sup>1</sup>.

## SECRETARIO.

Quem governará hũa vontade livre,  
Que outro Senhor não tem, senão a si mesma?

## CHORO I.

Quando Amor nasceo,  
Nasceo ao Mundo vida,  
Claros rayos ao Sol, luz ás estrellas.  
O Ceo resplandeceo,  
E de sua luz vencida  
A escuridão mostrou as cousas bellas.  
Aquella, que subida  
Está na terceira esphera,  
Do bravo mar nascida  
Amor ao Mundo dá, doce amor géra.

Por amor s'orna a terra  
D'agoas, e de verdura,  
As arvores dá folhas, cor ás flores.  
Em doce paz a guerra,  
A dureza em brandura,  
E mil odios converte em mil amores.  
Quantas vidas a dura  
Morte desfaz, renova :

<sup>1</sup> Expressão obsoleta substituida por *foge da minha ira*.

A fermosa pintura  
Do Mundo, Amor a tem inteira, e nova.

Ninguem tema seus fogos,  
E chammas furiosas.  
Amor he tudo, amor suave, e brando,  
Sogeito a brandos rogos,  
As agoas amorosas  
Dos olhos com brandura está alimpando.  
Douradas, e fermosas  
Sétas n'aljaba soam  
A vista perigosas;  
Mas amor levam, dos amores voam.

Amor em doces cantos,  
Em doces liras soe,  
Torne seu brando nome est'ar sereno.  
Fujam mágoas, e prantos,  
O lédo prazer voe,  
E claro o rio faça, o valle ameno.  
No terceiro Ceo toe  
D'amor a doce lira,  
E de lá te coroe  
Castro, d'ouro o grã Deos, que amor inspira.

## CHORO II.

Antes cégo Tyranno  
Dos poetas fingido,  
Cruel desejo, e engano

Deos de vam gente, de ocio só nascido.  
 Geral estrago, e dano  
 Da gloriosa fama,  
 Com sua séta, e chamma  
 Tirando a toda parte  
 Ardendo fica Apollo, ardendo Marte.

Vay pelos ares voando;  
 Arde cá toda a terra,  
 E d'aljaba soando  
 O tiro empece mais, quanto o mais erra.  
 Tem por gloria yr juntando  
 Estados diferentes:  
 Os mais convenientes  
 A Amor, e iguaes aparta.  
 Nunca de sangue, e lagrymas se farta.

No tenro, e casto peito  
 Da moça vergonhosa,  
 Tempo esperando, e geito,  
 Entra com força branda, ou furiosa.  
 O fogo já desfeito  
 Da cinza outra vez cria,  
 No frio sangue, e fria  
 Neve outra vez se acende.  
 Dos olhos no meo d'alma o rayo prende.

Dalli sua peçonha  
 Vay por todas as veas.

A alma dormente sonha  
 Em seu engano, e tece doces teas.  
 Foge a casta vergonha.  
 Foge a constancia forte.  
 Entra tristeza, e morte  
 Debaixo da brandura,  
 Que a razão mata, o coração endure.

Quem a ferrada maça  
 Ao grande Alcides toma?  
 E quer que assi aos pés jaça<sup>1</sup>  
 Da moça, feito moça, quem liões doma?  
 Quem da espantosa caça  
 Os despojos famosos  
 Lhe converte em mimosos  
 Trajos de Dama, e o uso  
 Das duras mãos lhe põem no brando fuso

Jupiter transformado  
 Em tam varias figuras,  
 Deixando desprezado  
 O Ceo, quam baixo, o mostram mil pinturas!  
 Poderosas branduras,  
 Que assi as almas convertem  
 No que amam! assi sovertem  
 Por manha a grande alteza  
 Do sprito, que s'enterra em vil fraqueza!

<sup>1</sup> O verbo *jazer* fazia outr'ora *jaça* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, que agora dizemos *jaz*.

De que outro fogo ardia  
 Dos Teucros a alta gloria?  
 De que deixou historia  
 Tam triste ao Mundo Hespanha a forte, e pia?  
 Amor cego vencia.  
 Amor cruel matava.  
 Hum moço triumphava  
 De tanto sangue, e vidas  
 Por hum vão appetite mal vendidas.

Ditoso, ó quam ditoso!  
 Quem o seu peito armou  
 Contra o rayo furioso :  
 Ou em alçando as chammas o apagou!  
 Poucos, que Deos amou,  
 Dos Ceos tanto alcançaram.  
 E mil, e mil choráram  
 Do vão contentamento  
 Ao cego Iffante seu rependimento.

## ACTO II.

ELREY D. AFONSO IV, PERO COELHO, DOIGO LOPES  
 PACHECO, CONSELHEIROS.

REY.

Oh cetro rico, a quem te não conhece,  
 Como és fermoso, e bello! e quem soubesse  
 Bem quam diferente és do que promettes,  
 Neste chão que te achasse, quereria  
 Pisar-te antes cos pés, que levantar-te.  
 Não louvo, os que se louvam por imperios  
 A ferro, sangue, e fogo destruirerem,  
 O seu proprio estendendo : mas aquelles  
 (O grandeza espantosa, e animo livre!)  
 Que tendo-os muito grandes, os deixáram.  
 Mór alteza, e mór animo he as grandezas  
 Desprezar, que aceitar : e mais seguro  
 A si cada hum reger, que o Mundo todo.  
 O resplendor deste ouro nos engana.

E he terra em fim, e terra a mais pesada.  
 De hũa alta fortaleza estamos sempre  
 Postos por atalayas á fortuna :  
 Por escudos do povo, offerecidos  
 A receber seus golpes; não fazê-lo  
 He usar mal do cetro, e bem fazê-lo  
 He não ter vida mais segura, e certa,  
 Que quanto estes perigos nos promettem.

CONSELHEIRO.

Gloriosos perigos, e trabalhos,  
 Oh bemaventurados, pois te sobem  
 Da coroa da terra a que nos Ceos  
 Mais rica, mais gloriosa te darám.

PACHECO.

Trabalho mais que estado tem os Reys,  
 Os bons Reys, que não amam assi seus vicios,  
 Como as obrigações de se mostrarem  
 Contra si mais izentos, e mais fortes  
 Que o povo baixo, que anda só apòs elles.  
 E tal Rey como tu, Senhor, he Rey.  
 Não te peze de o ser, que virá tempo,  
 Que te ajam mais inveja a esses trabalhos  
 Sofridos com paciencia, e bem regidos,  
 Que a victorias famosas com grã perda  
 De homês, e de riquezas mal ganhadas.  
 Isto faz os Reys grandes, dignos sempre  
 De memoria immortal; sofrer trabalhos  
 Polo publico bem, quebrar a força  
 Do sangue, e proprio amor; fazer-se exemplo

De todo bem ao povo, atalhar prestes  
 O mal em seu começo, antes que empeça.  
 Depois nem forças bastam, nem conselho.  
 Atalhando a este mal, que t'assi agora  
 Tam trabalhado traz, ficarás livre,  
 Rindo-te da fortuna, e de seus medos.

REY.

Vence o mal ao remedio. Vejo o Iffante  
 De todo contra mim determinado,  
 Duro a meus rogos, mais duro aos mandados.  
 Que estrella foy aquella tam escura?  
 Que máo signo, ou que fado, ou que planeta?

PACHECO.

Em quanto ha occasião, dura o peccado :  
 Tirando-lha, ey-lo livre.

REY.

Forte cousa  
 Endurecer-se assi aquella vontade!

PACHECO.

Endureça-se a tua com justiça.

REY.

Duro remedio! quanto melhor fora  
 Amor, e obediencia! meus peccados  
 Quam gravemente sobre mim cahiram!

CONSELHEIRO.

Senhor, pera que he mais? moura <sup>1</sup> esta dama.

<sup>1</sup> Temos por vezes advertido aos leitores menos lidos nos classicos, que o verbo *morrer* fazia antigamente *moura* no presente do conjunctivo terceira pessoa do singular.

REY.

Que moura todavia?

PACHEGO.

Senhor moura

Por salvação do povo.

REY.

Não he crueza

Matar quem não tem culpa?

CONSELHEIRO.

Muitos podes

Mandar matar sem culpa, mas com causa.

REY.

Com que cor, com que causa esta matamos?

PACHEGO.

Não basta que em sua morte só se atalham  
Os males, que sua vida nos promete?

REY.

Ella que culpa tem?

PACHEGO.

Dá occasião.

REY.

Oh que ella não a dá, o Iffante a toma.

Que ley ha, que a condene, ou que justiça?

CONSELHEIRO.

O bem commum, Senhor, tem taes larguezas  
Com que justifica obras duvidosas.

REY.

Assi que assentaes nisto?

CONSELHEIRO.

Nisto : moura.

PACHEGO.

Moura.

REY.

Hũa innocente?

CONSELHEIRO.

Que nos mata!

REY.

Não averá outro meo?

PACHEGO.

Não o temos.

REY.

Metê-la-ey num Mosteiro.

CONSELHEIRO.

Ey-lo queimado.

REY.

Mandá-la-ey destê Reyno.

CONSELHEIRO.

O amor voa.

Este fogo, Senhor não morre logo.

Quanto lhe mais resistes, mais s'acende.

Contra Amor que lugar darás seguro?

REY.

Matá-la he cruel meo, e riguroso.

PACHEGO.

Não vês, não ouves quantas vezes morrem

Muitos, que o não merecem? Deos o quer

Polo bem, que se segue.

REY.

Deos o faça,  
Cuja vontade he ley, e a minha não.

PACHECO.

Essa licença tem tambem os Reys,  
Que em seu lugar estão.

REY.

Antes não tem  
Licença pera mais, que quanto pede  
A razão, e justiça : a mais licença  
He barbara crueza de infieis.

PACHECO.

Pois que dirás daquelles, que a seus proprios  
Filhos, e a seu amor não perdoáram  
Polo exemplo commum, e bem do povo?

REY.

Aos que o bem fizeram, hey inveja.  
Os outros nem os louvo, nem os sigo.

CONSELHEIRO.

Inda que ouvesse excessos, todavia  
Mais males atalháram, dos que deram.

REY.

Não se ha de fazer mal por quantos bens  
Se possam dahi seguir.

CONSELHEIRO.

Nem bem nenhum,  
De que se sigam males.

REY.

Mal parece  
Matar hũa innocente.

PACHECO.

Não he mal :  
Que a causa o justifica.

REY.

Antes Deos quer  
Que se perdoe hum máo, que hum bom padeça.

CONSELHEIRO.

O bem geral quer Deos que mais s'estime,  
Que o bem particular. Nas circumstancias  
Se salvam, ou se perdem as obras todas.

REY.

Enganão-se os juizos muitas vezes.

CONSELHEIRO.

Os dos Reys bem fundados Deos inspira.

REY.

Ey medo de deixar nome de injusto.

CONSELHEIRO.

De justo o deixarás, pois te conselhas  
Cos juizos dos teus leaes prudentes.

PACHECO.

Vês, poderoso Rey, vês cos teus olhos  
A peçonha cruel, que vay lavrando  
Gerada deste amor cego : vês quanto  
A soberba, e desprezo destes homês  
Contra ti, e contra todos vay crescendo.  
S'em tua vida nos tememos tanto,

Que faremos depois de tua morte?  
 Por dar saude ao corpo, qualquer membro  
 Que apodrece, se corta, e pelo são,  
 Porque o são não corrompa. Este teu corpo,  
 De que tu és cabeça, está em perigo  
 Por esta mulher só : corta-lh'a vida,  
 Atalha esta peçonha, tê-lo-ás salvo.  
 Medico, Senhor, és desta República.  
 O poder, que tem o Medico num corpo,  
 Tens tu sobre nós todos : usa delle.  
 Se te parece em parte isto crueza,  
 Não he crueza aquella, mas justiça,  
 Quando de cruel animo não nasce.  
 Tua tenção não pecca, em si se salva.  
 A aspereza dest'obra he medicina,  
 Com que s'atalham as mortes, que adiante  
 Muitos he que por força te mereçam.  
 A clemencia por certo he grã virtude,  
 E digna mais dos Reys, que outras virtudes,  
 Polo perigo grande, que ha na ira,  
 Em quem tam livremente assi a executa :  
 Mas com esta o rigor he necessario,  
 Por não vir em desprezo tal virtude.  
 Este he o que se chamou severidade,  
 De que tantos exemplos nos deixáram  
 Os famosos Romanos em paz, e guerra.  
 Estas columnas ambas são tam fortes,  
 Que bemaventurado este teu Reyno,  
 Que nellas por ti só está tam fundado.

De tal modo, Senhor, ás de usar dellas,  
 Que hũa vá sempre d'outra acompanhada.  
 Exemplos tens mostrado de clemencia,  
 Mostra agora, que he bem, severidade.

REY.

A parte, que me cabe deste feito,  
 Eu a ponho em vós toda, como aquelles,  
 Que sem odio, e temor sois obrigados  
 Aquillo conselhar-me, que he só justo,  
 Mais serviço de Deos, e bem do povo.  
 Vós-outros sois meus olhos, que eu não vejo.  
 Vós sois minhas orelhas, que eu não ouço.  
 Minha tenção me leve, ella me salve.  
 O engano se he vosso, em vós só caya.

PACHEGO.

Sobre nós descarrega esse teu pezo.

CONSELHEIRO.

Eu tomo minha parte, ou tomo todo.  
 Almas, e honras temos : estas ambas  
 A ti, Senhor, se devem, a ti as damos.  
 Estas sós te conselham, que bem vês  
 Quam grande mal he nosso, o que fazemos.  
 Aventuramos vidas, e fazendas,  
 Que em odio de teu filho ficam sempre,  
 Sob cujos pés ficamos, e em cuja ira.  
 Mas percamo-nos nós, percamos vidas;  
 Soframos crueis mortes; nossos filhos  
 Fiquem orfaões de nós, e desherdados;  
 A furia de teu filho nos persiga.

Antes que esse tal medo em nós mais possa,  
Que o que a virtude manda, e te devemos.

REY.

Ivos apparellhar, que em vós me salvo.  
Senhor <sup>1</sup>, que estás nos Ceos, e vês as almas,  
Que cuidam, que propõem, que determinam;  
Alumia minh'alma, não se cegue  
No perigo, em que está : não sey que siga.  
Entre medo, e conselho fico agora :  
Matar injustamente he grã crueza.  
Socorrer a mal público he piedade.  
D'hũa parte receo, mas d'outra ousa.  
Oh filho meu que queres destruir-me !  
Ha dó desta velhice tam cansada :  
Muda essa pertinacia em bom conselho.  
Não dês occasião pera que eu fique  
Julgado mal na terra, e condenado  
Ant'aquelle grã Juiz, que está nos Ceos.  
O vida felicissima, a que vive  
O pobre lavrador só no seu campo,  
Seguro da fortuna, e descansado,  
Livre destes desastres, que cá reynam !  
Ninguem menos he Rey, que quem tem Reyno.  
Ah que não he isto estado, he cativo  
De muitos desejado, mas mal crido.  
Huma servidão pomposa, hum grã trabalho  
Escondido sob nome de descanso.

<sup>1</sup> E' admiravel pela energia e elevados pensamentos esta invocação que o poeta pôz na boca de Affonso IV.

Aquelle he Rey sómente, que assi vive  
(Inda que cá seu nome nunca s'ouça)  
Que de medo, e desejo, e d'esperança  
Livre passa seus dias. O bons dias !  
Com que eu todos meus annos tam cansados  
Trocára alegremente. Temo os homês,  
Com outros dissimulo : outros não posso  
Castigar, ou não ousa. Hum Rey não ousa.  
Tambem teme seu povo : tambem sofre.  
Tambem suspira, e geme, e dissimula.  
Não sou Rey, sou cativo : e tam cativo  
Como quem nunca tem vontade livre.  
Salvo-me no conselho dos que creio,  
Que me serão leaes : isto me salve,  
Senhor, contigo : ou tu me mostra cedo  
Remedio mais seguro, com que viva  
Conforme a este alto estado, que me dêste.  
E me livra algum tempo antes que moura,  
De tanta obrigaçam, pera que possa  
Conhecer-me melhor, e a ti voar  
Com mais ligeiras asas do que póde  
Hũa alma carregada de tal pezo.

CHORO.

Quanto mais livre, quanto mais seguro  
He aquelle estado, que de si contente  
Não se levanta mais que quanto póde  
Fugir miserias !

Tristes pobrezaas ninguem as deseje.  
 Cegas riquezaas ninguem as procure.  
 Num meo honesto está a felicidade  
 Dos Ceos, e terra.

Reys poderosos, Principes, Monarchas  
 Sobre nós pondez vossos pés, pisay-nos.  
 Mas sobre vós está sempre a fortuna.  
 Nós livres della.

Nos altos muros soam mais os ventos.  
 As mais crecidas arvores derribam.  
 As mais inchadas vellas no mar rompem  
 Caem móres torres.

Pompas, e ventos, titulos inchados  
 Não dão descanso, nem mais doce sono.  
 Antes mais cansam, antes em mais medo  
 Poem, e perigo.

Como se volvem no grã mar as ondas,  
 Assi se volvem estes peitos cheos.  
 E nunca fartos, nunca satisfeitos,  
 Nunca seguros.

S'eu me pudesse á minha vontade  
 Formar meus fados, mais não quereria  
 Que meammente segurar a vida  
 Co necessario

Quem mais deseja, muitas vezes s'acha  
 Triste, enganado : poucas vezes dorme,  
 Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,  
 Temendo os homês.

Rey poderoso, tu porque desejas  
 Nunca ter Reyno? porque essa coroa  
 Chamas pesada? polo peso d'alma,  
 Que te carrega.

Quam poucas vezes vimos  
 Tardar a grã justiça,  
 Que não decesse sobre  
 Aquelles livres filhos,  
 Que contra a natural  
 Obrigação, e ley  
 Negáram obediencia  
 Aquelles, que os geráram!

Peccado torpe, e feo  
 Ante Deos, ant'os homês.  
 Mais pera Hyrcanos Tigres,  
 Mais pera Liões bravos,  
 Que razão não conhecem,  
 Que pera quem só della,  
 E per'ella he formado.

Aquelle amor tam grande  
 Dos pays, com que te criam

Co sangue do seu peito,  
 Que fereza ha tamanha,  
 Que tal brutalidade,  
 Que contr'elle te mova?

Rey Dom Afonso, Rey,  
 Lembra-te de ti mesmo,  
 Aquelles erros feos,  
 Com que tu perseguiste  
 Teu pay tam cruamente,  
 Lhe dão de ti vingança  
 Por outro tu teu filho,  
 Que te desobedece.

Viram-se as Reaes Quinas  
 Polo mesmo Deos dadas  
 Aquelle Rey primeiro,  
 De que herdaste esse nome  
 Com esse cetro rico,  
 Levantadas por ti,  
 Não contra cinco Reys,  
 Com cujo sangue as ouve,  
 Mas contra elRey teu pay,  
 Mas contra teus vassallos.

Viram-se as Reaes Quinas  
 Cruéis contra si mesmas  
 Em bravo fogo acesas  
 Contr'hũa parte, e outra,

De que tam cruelmente  
 Corria hum mesmo sangue!

Quantas vezes a sancta  
 Raynha tua mãy  
 Se metteo nesse fogo  
 Por te salvar a vida?  
 Por ella era apagado.  
 Por ti tornava arder.  
 Agora ardes nestoutro.  
 Justiça de Deos grande!

## ACTO III.

CASTRO, AMA.

CASTRO.

Nunca mais tarde pera mim que agora  
 Amanheceo. O' Sol claro, e fermoso  
 Como alegras os olhos, que esta noite  
 Cuidáram não te ver! ó noite triste!  
 O noite escura quam comprida foste!  
 Como cansaste est'alma em sombras vãs!  
 Em medos me trouxestes taes, que cria  
 Que alli se me acabava o meu amor,  
 Alli a saudade da minh'alma,  
 Que me ficava cá : e vós meus filhos,  
 Meus filhos tam fermosos, em que eu vejo  
 Aquelle rosto, e olhos do pay vosso,

21.

De mim ficaveis cá desemparados.  
 Oh sonho triste, que assi me asombraste!  
 Tremo ind'agora, tremo. Deos afaste  
 De nós tam triste agouro. Deos o mude  
 Em mais ditoso fado, em melhor dia.  
 Crescereis vós primeiro, filhos meus,  
 Que choraes de me ver estar-vos chorando;  
 Meus filhos tam pequenos! ay meus filhos,  
 Quem em vida vos ama, e teme tanto,  
 Na morte que fará? mas vivireis,  
 Crescereis vós primeiro, que veja eu  
 Que pisaes este campo, em que nascestes,  
 Em fermosos ginetes arrayados,  
 Quaes vosso pay vos guarda, com que o Rio  
 Passeis a nado a ver esta mãy vossa :  
 Com que canseis as féras; e os imigos  
 Vos temam de tam longe, que não ousem  
 Nomear-vos sómente. Entam me venham  
 Buscar meus fados : venha aquelle dia  
 Que me está esperando : em vossos olhos  
 Ficarei eu, meus filhos : vossa vida  
 Tomarei eu por vida em minha morte.

AMA.

Que choros, e que gritos, Senhora, eram  
 Os que t'ouvi esta noite?

CASTRO.

O ama minha,  
 Vi a morte esta noite crua, e fera.

AMA.

Entre sonhos t'ouvi chorar tam alto,  
Que de medo, e d'espanto fiquei fria.

CASTRO.

Ind'agora minh'alma s'entristece  
Asombrada dos medos, em que estive.  
Cansada de cuidar na saudade,  
Que sempre leva, e deixa aqui o Iffante,  
Adormeci tam triste, que a tristeza  
Me fez tomar o sono mais pesado  
Do que nunca me lembra que tivesse.  
Então sonhei que estando eu só num bosque  
Escuro, e triste, de huma sombra negra  
Cuberto todo, ouvia ao longe huns brados  
De feras espantosas, cujo medo  
M'arrepia toda, e me impidia  
A lingua, e os pés, eu co'alma quasi morta  
Sem me mover, meus filhos abraçava.  
Nisto hum bravo Lião a mim se vinha  
Co acatadura féra, e logo manso  
Pera tras se tornava : mas em s'indo,  
Não sey donde sahiam huns bravos Lobos,  
Que remetendo a mim com suas unhas  
Os peitos me rasgavam. Então alçava  
Vozes aos Ceos, chamava meu Senhor,  
Ouvia-me, e tardava : e eu morria  
Com tanta saudade, que ind'agora  
Parece que a cá tenho : e est'alma triste  
Se m'arrancava tam forçadamente,

Como quem ante tempo assi deixava  
Seu lugar, e deixava pera sempre  
(Que este na minha morte era o mór mal)  
A doce vista de quem me ama tanto.

AMA.

Hay, e como estaria essa tu'alma  
Tam morta ! Deos te guarde. Mas ás vezes  
O pensamento triste traz visoões  
Escuras, e medonhas : dó cuidado,  
Com que, Senhora, andaste, e adormeceste,  
Se te representáram esses medos.

CASTRO.

Chóro daquella dor, daquella mágoa,  
Que ao meu Iffante déra a minha morte.

AMA.

Pera que chóras sonhos ?

CASTRO.

Não sey que hey :

Não sey que peso he este, que cá tenho  
Assi no coração, que me carrega.  
Soya ser, que quando só ficava,  
Como agora me vejo, em meu senhor  
Eram todos meus sonhos tam alegres,  
Que desejava a noite, pera nella  
Me lograr dos enganos, que com elle  
Se me representavam ; alli o via,  
Alli cria que o tinha, e que falava  
Comigo, e eu com elle : e muitas vezes  
Muitas palavras, que elle em se partindo

Me dizia chorando, alli chorando  
 Mas tornava a dizer, e eu o detinha  
 Apertado em meus braços, senão quando  
 Acordava abraçada só comigo.  
 Aquelles meus enganos me sostinham  
 Das noites pera os dias. E esta noite  
 Perdia estes enganos com a vida.

AMA.

Outro dia verás, que te amanheça  
 Mais claro, e mais ditoso : em que a coroa  
 Que t'espera, terás sobr'esses teus  
 Cabellos d'ouro. Alegra-te entre tanto.  
 Deixa vãs sombras, deixa tristes medos.

CASTRO.

Não sey que est'alma vê, que tanto teme.

AMA.

A imaginação he perigosa.

CASTRO.

Que fará quem não póde fugir della?

AMA.

Cuidar no bem, lança a tristeza fóra.

CASTRO.

Faze-me o bem seguro, que eu não vejo.

AMA.

Porque temes o mal, de que estás livre?

CASTRO.

Porque temo perder o bem, que espero.

AMA.

Temer de longe o mal, he mal dobrado.

CASTRO.

Como estará alma leda em culpa sua?  
 Julgam-me mal os homês, e a Deos temo.

AMA.

Dos secretos, Senhora, que parecem  
 Ao Mundo (que os não vê, e do de fóra  
 Julga sómente) feos, máos, e torpes,  
 Basta a só consciencia, basta tanto,  
 Que com esta áde ter Deos toda a conta.  
 Esta, Senhora, he boa prova d'alma.  
 Pois esta está segura no teu peito.  
 Se peccado ouve já, já está purgado  
 Com esse animo firme, com que já ambos  
 Estaes confederados sanctamente.  
 O tempo Deos trará com mór seguro  
 Do que vos este dá, pera mais claro  
 O Mundo conhecer quam grã perigo  
 He as almas julgar, que só Deos vê.  
 Entre tanto contente espera, e vive.  
 Vive, pera que viva quem tanto ama  
 Esta tua vida, em que toda está a sua.

CASTRO.

Nunca o tanto meus olhos desejáram.  
 Nunca meu pensamento o imaginou  
 De mim tam esquecido. Deos o guarde.  
 Deos te guarde, senhor, que me parece  
 Que algum mal te detem : algum mal grande.  
 Arranca-se a minh'alma de mim mesma,  
 Parece que voar quer onde estás.

Parece que lhe foges, que me deixas.  
Ah pensamentos tristes, pensamentos  
Escuros, carregados! yvos, yvos.

AMA.

Ah não te agoures mal! que melhor fado  
O teu será, Senhora; quem tristeza  
De sua vontade chama, mal a póde  
Lançar de si, que ás vezes n'alegria  
Entra tam furiosa, que a destrue.  
Olha pera estes teus doces penhores  
Tam seguros, e certos desse amor,  
De que forão gerados : em seus olhos  
Alegra hora esses teus, que assi desfazes  
Com essas crueis lagrimas; não chores.  
Danas esse teu rosto tam fermoso  
Filha, com tantas lagrimas : não chores :  
Não offendas teus olhos : ah não vejam  
Nelles sinaes tamanhos de tristeza  
Aquelles, cuja gloria he vêr-te alegre.  
Olha as agoas do Rio como correm  
Pera onde está tam saudosamente.  
De lá te vê, Senhora; ellas lhe lembram  
Este aposento seu, ou da su'alma.  
Estes campos fermosos, que parecem  
Debaixo deste Ceo dourado, e bello,  
Quem os verá, que logo não se alegre?  
Ouve a musica doce, com que sempre  
Te vem a receber os passarinhos  
Por cima destas arvores fermosas.

Cuida, Senhora, de logreres isto.  
Em algum tempo com dobrado gosto,  
Segura da fortuna, e de seus medos,  
Senhora do teu bem, e desta terra.

CHORO, CASTRO, AMA.

CHORO.

Tristes novas, crueis,  
Novas mortaes te trago, Dona Ines.  
Ah coitada de ti, ah triste, triste!  
Que não mereces tu a cruel morte,  
Que assi te vem buscar.

AMA.

Que dizes? fala.

CHORO.

Não posso. Choro.

CASTRO.

De que choras?

CHORO.

Vejo

Esse rosto, esses olhos, essa...

CASTRO.

Triste

De mim, triste! que mal? que mal tamanho  
He esse, que me trazes?

CHORO.

He tua morte.

CASTRO.

He morto o meu Senhor? o meu Infante?

CHORO.

Ambos morrereis cedo.

CASTRO.

O novas tristes!

Matam-me o meu amor? porque mo matam?

CHORO.

Porque te matarám : por ti só vive.

Por ti morrerá logo.

AMA.

Deos não queira

Tal mal, tal desventura.

CHORO.

Vem muy perto.

Nam te tardará muito, poem-te em salvo.

Fuge coitada, fuge, que já soam

As duras ferraduras, que te trazem

Correndo a morte triste. Gente armada

Correndo vem, Senhora, em busca tua.

ElRey te vem buscar determinado

D'em ti vingar sua furia. Vê se pódes

Salvar tambem teus filhos, não lh'empça

Parte de teus máos fados.

CASTRO.

O coitada

Só, triste, perseguida! hay meu senhor

Onde estás, que não vens? elRey me busca?

CASTRO.

CHORO.

ElRey.

CASTRO.

Porque me mata?

CHORO.

Rey cruel!

Crueis os que o movèram a tal crueza!

Por ti vem perguntando. Esses teus peitos

Vem só buscar, pera com duro ferro

Serem furiosamente traspassados.

AMA.

Cumpriram-se teus sonhos.

CASTRO.

Sonhos tristes!

Sonhos crueis! porque tam verdadeiros

Me quizeste sayr? ó sprito meu!

Como não creste mais o mal tamanho

Que crias, e sabias? Ama, fuge.

Fuge desta ira grande, que nos busca.

Eu fico, fico só, mas innocente.

Não quero mais ajudas, venha a morte:

Moura eu, mas innocente. Vós meus filhos

Vivireis cá por mim: meus tam pequenos,

Que cruelmente vem tirar de mim.

Soccorra-me só Deos, e soccorrei-me

Vós moças de Coimbra. Homês, que vedes

Esta innocencia minha, soccorrei-me.

Meus filhos não choreis: eu por vós chóro.

Logray-vos desta mãy, desta mãy triste,  
Em quanto a tendes viva. E vós amigas  
Cercay-me em roda todas, e podendo;  
Defendey-me da morte, que me busca.

## CHORO.

Teme teus erros, mocidade cega.  
Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,  
Que assi te deixa correndo, e voando  
Com suas asas.

O quanto huma hora, quanto hum só momento  
Breve algũ'hora quererás debalde!  
Poupa o presente, guarda-o, enthesoura-o,  
Telo-ás seguro.

Todo ouro, e prata, pedras preciosas,  
A que correndo vão todos perdidos,  
Por agoa, e fogo, não temendo a morte  
Cavar nas veas,

Nunca poderám, nunca poderám  
Comprar hum ponto deste tempo livre,  
Que assi atras deixa Principes, Senhores,  
Como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge.  
Não valem forças, não val gentileza.  
Por tudo passa, tudo calca, e pisa.  
Ninguem o força.

Com sua fouce, cruel vay cortando  
Vidas a moços, trabalhos a velhos.  
Só boa fama, só virtude casta  
Pode mais que elle.

Esta se salva sómente em si mesma.  
Esta o sprito segue, sempre vive.  
Esta seguindo vencerás o tempo  
Rir-te-ás da morte.

Vive pois, vive, mocidade cega,  
Vive co tempo, delle te enriquece.  
Delle só t'arma contr'aquelle dia  
Do grande aperto.

Apos amor vem morte,  
Ou da vida, ou da honra,  
E d'alma juntamente,  
Que em noite escura poem,  
Sem ver, o claro dia  
Da razão, que lhe diz  
Os males, e perigos,  
Em que este amor acaba.  
O Principe tam cego!

O Principe tam duro!  
Que cerraste os teus olhos  
Aquelles bons conselhos,  
Que cerraste as orelhas

Aquelles bons avisos.  
 Tu dormes, ou passeas,  
 E pelos campos vem  
 Do Mondego correndo  
 A cruel morte em busca  
 Da tua doce vida,  
 Do teu amor tam doce.

Cruel morte, que vens  
 Buscar esta innocente,  
 Ha piadade, e mágoa  
 Dos seus fermosos olhos,  
 Do seu fermoso rosto,  
 Não desates hum nó  
 Tam firme, com que dous  
 Corações ajuntou  
 Amor tam estreitamente.

Cruenza farás grande  
 Partir huns olhos d'outros;  
 Hũa alma assi d'outr'alma :  
 E derramar o sangue,  
 O sangue tam fermoso  
 Do seu fermoso corpo.  
 Doante aquelles peitos  
 De marfim, ou de neve.

Doante aquellas faces  
 De lyrios, e de rosas,

Que já perdem sua cor  
 Pola falta do sangue,  
 Que no coração junto  
 Lhes tens frio, e coalhado  
 Com medo do teu nome.

Aquella alva garganta  
 De cristal, ou de prata,  
 Que sostem a cabeça  
 Tam alva, e tam dourada,  
 Porque cortar a queres  
 Com golpe tam cruel?  
 E derramar nos ares  
 Aquelle sprito digno  
 Do corpo em que vivia,

Ha piedade, e mágoa  
 De tanta fermosura,  
 Daquelle triste. Iffante,  
 E destes seus penhores.  
 Deten-te, em quanto chega,  
 Deten-te, em quanto tarda.  
 Corre, ó Iffante, corre :  
 Soccorre ao teu amor.  
 Hay tardas ! saberás  
 Como o Amor sempre acaba.

## ACTO IV.

PACHECO, ELREY, CHORO, CASTRO, COELHO.

PACHECO.

A presteza em tal caso, he bom seguro,  
E piedade, Senhor, será crueza.  
Cerra os olhos a lagrimas, e mágoas,  
Que te podem mover dessa constancia.

REY.

Esta he, que a mim se vem : ó rosto digno  
De mais ditosos fados !

CHORO.

Eis a morte  
Vem. Vay-te entregar a ella : vay depressa,  
Terás que chorar menos.

CASTRO.

Vou amigas;  
Acompanhay-me vós, amigas minhas,  
Ajuday-me a pedir misericordia.  
Choray o desemparo destes filhos  
Tam tenros, e innocentes. Filhos tristes,  
Vedes aqui o pay de vosso pay.  
Eis aqui vosso avô, nosso senhor;  
Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade  
De vós, desta mãy vossa, cuja vida  
Vos vem, filhos, roubar.

CHORO.

Quem póde ver-te  
Que não chóre, e s'abrande?

CASTRO.

Meu senhor,  
Esta he a mãy de teus netos. Estes são  
Filhos daquelle filho, que tanto amas.  
Esta he aquella coitada molher fraca,  
Contra quem vens armado de crueza.  
Aqui me tens. Bastava teu mandado  
Pera eu segura, e livre t'esperar,  
Em ti, e em minh'innocencia confiada.  
Escusaras, Senhor, todo este estrondo  
D'armas, e Cavalleiros; que não foge,  
Nem se teme a innocencia da justiça.  
E quando meus peccados me acusáram,  
A ti fora buscar : a ti tomára  
Por vida em minha morte : agora vejo

Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos  
 Reaes tam piadosas : pois quiseste  
 Por ti vir-te informar de minhas culpas.  
 Conhece-mas, Senhor, como bom Rey,  
 Como clemente, e justo, e como pay  
 De teus vassallos todos, a quem nunca  
 Negaste piedade com justiça.  
 Que vês em mim, Senhor? que vês em quem  
 Em tuas mãos se mete tam segura?  
 Que furia, que ira esta he, com que me buscas?  
 Mais contra imigos vens, que cruelmente  
 T'andassem tuas terras destruindo  
 A ferro, e fogo. Eu tremo, Senhor, tremo  
 De me ver ante ti, como me vejo.  
 Mulher, moça, innocente, serva tua,  
 Tam só, sem por mim ter quem me defenda.  
 Que a lingua não s'atreve, o sprito treme  
 Ante tua presença ; porém possam  
 Estes moços, teus netos defender-me.  
 Elles falem por mim, elles sós ouve :  
 Mas não te falarám, Senhor, com lingua,  
 Que inda não podem : falam-te co as almas,  
 Com suas idades tenras, com seu sangue,  
 Que he teu, te falarám : seu desamparo  
 T'está pedindo vida : não lha negues.  
 Teus netos são, que nunca téqui viste :  
 E vê-los em tal tempo, que lhes tolhes  
 A gloria, e o prazer, qu'em seus spritos  
 Lhe está Deos revelando de te verem.

REY.

Tristes foram teus fados, Dona Ines,  
 Triste ventura a tua.

CASTRO.

Antes ditosa

Senhor, pois que me vejo ante teus olhos  
 Em tempo tam estreito : poem-nos hora,  
 Como nos outros soes, nesta coitada.  
 Enche-os de piedade com justiça.  
 Vens-me, senhor, matar? porque me matas?

REY.

Teus peccados te matam : cuida nelles.

CASTRO.

Peccados meus! ao menos contra ti  
 Nenhum, meu Rey, me accusa. Contra Deos  
 Me podem accusar muitos : mas elle ouve  
 As vozes d'alma triste, em que lhe pede  
 Piedade. O Deos justo, Deos benigno,  
 Que não mata, podendo com justiça,  
 Mas dá tempo de vida, espera tempo  
 Só pera perdoar : assi o fazes,  
 Assi o fizeste sempre : pois não mudes  
 Agora contra mim teu bom costume.

REY.

Tua morte m'estam outras muitas vidas  
 Pedindo com clamores.

PACHECO.

Foge o tempo.

CASTRO.

Oh triste, triste ! meu senhor não me ouves?  
Socega tua furia, não a sigas.  
Nunca aconselhou bem : nunca deu tempo  
De remedio a algum mal a ira. Sempre  
Traz arrependimento sem remedio.  
Ouve minha razão, minh'innocencia.  
Culpa he, senhor, guardar amor constante  
A quem mo tem? se por amor me matas,  
Que farás ao imigo? amey teu filho,  
Não o matey. Amor amor merece;  
Estas são minhas culpas : estas queres  
Com morte castigar? em que a mereço?

PACHECO.

Dona Ines, contra ti he a sentença dada.  
Despide<sup>1</sup> essa tu'alma desse corpo  
Em bom estado, e seja prestesmente  
Não tenhas que chorar mais, que só a morte.

CASTRO.

O meus amigos, porque não tirais  
ElRey de ira tamanha? a vós me vou,  
Em vós busco soccorro : ajuday-me hora  
Pedir-lhe piedade. O Cavalleiros  
Que as tristes promettestes defender,  
Defendei-me, que mouro injustamente.  
Se me vós não defendeis, vós me matais.

<sup>1</sup> Obsoleto e substituído por *despede*.

COELHO.

Por mágoa dessas lagrimas te rcgo  
Que este tempo, que tens, inda que estreito,  
Tomes pera remedio da tu'alma.  
O que elRey em ti faz, faz com justiça.  
Nós o trazemos cá, não com tenção  
De sermos em ti crus : mais de salvarmos  
Este Reyno, que pede esta tua morte.  
Que nunca, ó Deos quisera que tal meo  
Nos fora necessario. A elRey perdoa,  
Que crueza não faz : se a nós fazemos  
Por ti ante o grã Deos será pedida  
Vingança justa, se te não párece  
Que perdão merecemos nas tenções,  
Com que elRey aconselhamos. O ditosa,  
Dona Ines, tua morte! pois só nella  
Se ganha hũa geral vida a todo Reyno.  
Bem vês por tua causa como estava,  
Além desse peccado, em que te tinha  
O Iffante forçada (que assi o cremos)  
Mas pois pera remedio he necessario  
A morte sua, ou tua, he necessario  
Que tu sofras a tua com paciencia,  
Que isso te ficará por mayor gloria  
Que aquella, que esperavas cá do Mundo.  
E quanto mais injusta te parece,  
Tanto mais justa gloria lá terás,  
Onde tudo se paga por medida.  
Nós, que a teu parecer mal te matamos,

Não viviremos muito : lá nos tens  
 Antes de muito tempo ant'esse trono  
 Do grã Juiz , onde daremos conta  
 Do mal , que te fazemos, Não ouviste  
 Já das Romãs , e Gregas com que esforço  
 Morrêram muitas só por gloria sua?  
 Morre pois , Castro, morre de vontade,  
 Pois não pôde deixar de ser tua morte.

CASTRO.

Triste pratica , triste ! crú conselho  
 Me dás. Quem o ouvira? mas pois já mouro,  
 Ouve-me Rey senhor : ouve primeiro  
 A derradeira voz dest'alma triste.  
 Co estes teus pés me abraço , que não fujo.  
 Aqui me tens segura.

REY.

Que me queres?

CASTRO.

Que te posso querer, que tu não vejas?  
 Pergunta-te a ti mesmo o que me fazes.  
 A causa , que te move a tal rigor.  
 Dou tua consciencia em minha prova.  
 S'os olhos de teu filho s'enganáram  
 Com o que víram em mim, que culpa tenho?  
 Paguei-lhe aquelle amor com outro amor,  
 Fraqueza costumada em todo estado.  
 Se contra Deos pequei , contra ti não.  
 Não soube defender-me, dei-me toda.  
 Não a imigos teus, não a traidores,

A que alguns teus segredos descobrisse  
 Confiados a mim , mas a teu filho  
 Principe deste Reyno. Vê que forças  
 Podia eu ter contra tamanhas forças.  
 Não cuidava , senhor, que t'offendia.  
 Defenderas-mo tu , e obedecêra.  
 Inda que o grand'amor nunca se força :  
 Igualmente foy sempre entre nós ambos :  
 Igualmente trocámos nossas almas.  
 Esta que te hora fala , he de teu filho.  
 Em mim matas a elle : elle pede  
 Vida par'estes filhos concebidos  
 Em tanto amor. Não vês como parecem  
 Aquelle filho teu? Senhor meu , matas  
 Todos, a mim matando : todos morrem  
 Não sinto já , nem chóro minha morte,  
 Inda que injustamente assi me busca,  
 Inda que estes meus dias assi corta  
 Na sua flor indigna de tal golpe :  
 Mas sinto aquella morte triste , e dura  
 Pera ti , e pera o Reyno , que tam certa  
 Vejo naquelle amor, que esta me causa.  
 Não vivirá teu filho , dá-lhe vida  
 Senhor, dando-ma a mim : que eu me irey logo  
 Onde nunca appareça ; mas levando  
 Estes penhores seus, que não conhecem  
 Outros mimos, e tetas <sup>1</sup> senão estas ,

<sup>1</sup> Esta expressão, que seria hoje muito impropria, era n'esse tempo mui usual e decente.

Que cortar-lh'ora queres ; hay meus filhos  
 Choray, pedi justiça aos altos Ceos.  
 Pedi misericordia a vosso avô  
 Contra vós tam cruel, meus innocentes.  
 Ficareis cá sem mim, sem vosso pay,  
 Que não poderá ver-vos, sem me ver.  
 Abraçay-me, meus filhos, abraçay-me.  
 Despedi-vos dos peitos, que mamastes.  
 Estes sós foram sempre : já vos deixam.  
 Ah já vos desempara esta mãy vossa.  
 Que achará vosso pay, quando vier?  
 Achar-vos-á tam sós, sem vossa mãy :  
 Não verá quem buscava : verá cheas  
 As casas, e paredes de meu sangue.  
 Ah vejo-te morrer, senhor, por mim.  
 Meu senhor, já que eu mouro, vive tu.  
 Isto te peço, e rogo : vive, vive.  
 Empara estes teus filhos, que tant'amas.  
 E pague minha morte seus desastres,  
 Se alguns os esperavam. Rey senhor  
 Pois podes socorrer a tantos males,  
 Soccorre-me, perdoa-me. Não posso  
 Falar mais. Não me mates, não me mates.  
 Senhor não to mereço.

REY.

O mulher forte!  
 Venceste-me, abrandaste-me. Eu te deixo.  
 Vive, em quanto Deos quer.

CHORO.

Rey piadoso  
 Vive tu, pois perdoas : moura aquelle,  
 Que sua dura tenção leva a diante.

PACHECO, REY, COELHO.

PACHECO.

Oh Senhor, que nos matas! que fraqueza  
 Essa he indigna de ti? de hum real peito?  
 Vence-te huma mulher, e estranhas tanto  
 Vencer assi teu filho? que já agora  
 Terá desculpa honesta, não te esqueças  
 Da tenção tam fundada, que te trouxe.

REY.

Não póde o meu sprito consentir  
 Em crueza tamanha.

PACHECO.

Mór crueza |

Fazes agora ao Reyno : agora fazes  
 O que faz a pouca agoa em grande fogo.  
 Agora mais s'acende, arderá mais  
 O fogo de teu filho. A que vieste?  
 A pôr em mór perigo teu estado?

REY.

Vejo aquella innocente, chora-m'alma.

COELHO.

O animo Real tam firme, e forte

A de ser no que faz, que nunca possa  
 Debaixo do Ceo nada pervertê-lo.  
 A justiça, Senhor, pinta-se armada  
 D'espada aguda, contra cujos fios  
 Não possa aver brandura, nem dureza.  
 Cada hum destes extremos he grã vicio  
 Em quem he pay commum de todo hum Reyno.  
 Depois da conta feita, e razões claras,  
 Depois de taes conselhos em que viste  
 Quam necessaria era esta tua vinda,  
 Quam necessario o effeito, a que vieste,  
 Se muda assi, senhor, tam levemente  
 Por lagrymas teu animo constante?  
 Antes não commettêras, nem cuidáras  
 Commetter isto, porque não vieras  
 Acrecentar o mal, que agora vejo  
 Que fica já de todo sem remedio.

REY.

Não vejo culpa, que mereça pena.

PACHECO.

Inda hoje a viste, quem ta esconde agora?

REY.

Mais quero perdoar, que ser injusto.

COELHO.

Injusto he quem perdoa a pena justa.

REY.

Peque antes ness'estremo, que em crueza.

COELHO.

Não se consente o Rey peccar em nada.

REY.

Sou homem.

COELHO.

Porém Rey.

REY.

O Rey perdoa.

PACHECO.

Nem sempre perdoar he piadade.

REY.

Eu vejo hũa innocente, mãy de hũs filhos  
 De meu filho, que mato juntamente.

COELHO.

Mas dás vida a teu filho, salvas-lh'alma,  
 Pacificas teu Reyno : a ti seguras.  
 Restitues-nos honra, paz, descanso.  
 Destrues a traidores; cortas quanto  
 Sobre ti, e teu neto se tecia.  
 Offensas, senhor, públicas não querem  
 Perdão, mas rigor grande. Daqui pende  
 Ou remedio d'hum Reyno, ou quéda certa.  
 Abre os olhos ás causas necessarias,  
 Que te mostramos sempre, e que tu vias  
 Cuida no que emprendeste, e no que deixas.  
 O odio de teu filho contra ti,  
 Contra nós tal será, como qual fora,  
 Fazendo-se, o que deixas por fazer.  
 A ti ficam seus filhos, ama-os, honra-os.  
 Assi lh'amansarás grã parte da ira.  
 Senhor, por teu estado te pedimos :

Polo amor do teu povo, com que t'ama,  
 Polo com que sabemos que nos amas :  
 Por mais vida, e mais honra de teu filho,  
 Principe nosso : e por aquelle seu  
 Fernando unico herdeiro, cuja vida  
 Te está pedindo justamente a morte  
 Desta mulher, em fim por honra tua,  
 Pola constancia firme, com que sempre  
 Acudiste ós remedios, e á justiça,  
 Que a não deixes agora : que te movam  
 Mais estas razões fortes, que essa mágoa  
 Injusta, que despois chorarás mais,  
 Perdendo esta occasião, que Deos te mostra.

REY.

Eu não mando, nem vedo. Deos o julgue.  
 Vós-outros o fazei, se vos parece  
 Justiça, assi matar quem não tem culpa.

COELHO.

Essa licença basta : a tenção nossa  
 Nos salvará cos homens, e com Deos.

CHORO.

Em fim venceo a ira, cruel imiga  
 De todo bom conselho. Ah quanto podem  
 Palavras, e razões em peito brando!  
 Eu vejo teu sprito combatido  
 De mil ondas, ó Rey. Bom he teu zelo :  
 O conselho leal : cruel a obra.

REY.

Por crueza julgais o que he justiça?

CHORO.

Crueza a chamará tod'outra idade.

REY.

Minh'alma innocente he, conselho sigo.

CHORO.

Deos te julgue. Eu não ousou. Porém temo.

REY.

Que temes?

CHORO.

Este sangue, que aos Ceos brada.

Não culpamos a ti : nem desculpamos  
 As descortezes mãos de teus Ministros  
 Constantes no conselho, crús na obra.  
 Ay vêes que crueldade? ó nunca visto  
 Mais innocente sangue! e como sofres  
 O Rey tal injustiça? ouves os brados  
 Da innocente moça? ouves os chóros  
 Dos innocentes filhos? triste Iffante  
 Alli passam tu'alma teus vassallos,  
 De teu sangue os crueis tingem seus ferros.

REY.

Afronta-se minha alma. O quem pudéra  
 Desfazer o que he feito!

CHORO.

Já morreo Dona Ines, matou-a Amor;  
 Amor cruel! se tu tiveras olhos,  
 Tambem morrêras logo. O dura morte  
 Como ousaste matar aquella vida?

Mas não mataste : melhor vida , e nome  
Lhe déste do que cá tinha na terra.

Este seu corpo só gastará a terra ,  
Por quem estará chorando sempre o Amor ,  
Honrando-se sómente do seu nome.  
Mas quem a quizer ver com outros olhos ,  
Outro nome, outra gloria, outra honra, e vida  
Lhe achará, contra a qual não póde a morte.

Aquelles matas tu sómente, ó morte,  
Cujo nome s'esquece; e a quem na terra  
Fica de todo sepultada a vida.

Mas esta vivirá, em quanto o Amor  
Entr'os homês reynar, e sempre os olhos  
De todos a verám com melhor nome.

Real amor lhe dará Real nome.  
O que coroa lhe aparelha a morte!  
Depois que lhe cerrou os claros olhos  
Indignos d'ante tempo irem á terra,  
Sem quem só fica, e desarmado Amor;  
Sem quem quam triste, Iffante, a tua vida!

Tu és o que morreste, aquella vida  
Era tua; já agora aquella nome  
Que tam doce te fez sempre o Amor,  
Triste to tem tornado a cruel morte.  
Chorando a andarám sempre na terra  
Té que nos Ceos a vejam esses teus olhos.

Nem averá já nunca no Mundo olhos,  
Que não chorem de mágoa de hũa vida  
Assi cortada em flor. E quem a terra  
For ver, em que estiver escrito o nome  
Della, dirá : Aqui está chorando a morte  
De mágoa do que fez , aqui o Amor.

Amor quanto perdestes nũs sós olhos,  
Que debaixo da terra poz a morte,  
Tanto elles mais terám de vida, e nome.

## SAFICOS.

Choremos todos a Tragedia triste,  
Que esta crua morte deixará no Mundo.  
Já aquelle sprito, que tambem vivia  
Em ti, ó Castro, vay aos Ceos voando.  
Já aquelle sangue purpureo, innocente  
Forçadamente desempara os membros,  
A que elle dava aquella cor, e graça,  
Que a natureza mais perfeitamente  
Formar pudéra nesta, ou outra idade.  
Assi a região, que vê nascer o Sol,  
Como a região, onde o Sol se esconde,  
Assi aquella, que ao fervente Cancro,  
Como aquell'outra, que á fria mór Ursa  
Estão sogeitas, esta mágoa chorem.  
Jaz a coitada no seu sangue envolta  
Aos pés dos filhos, pera quem fugia,  
Não lhe valeram, que não tinham forças

Pera tomarem os agudos ferros,  
 Com que seus peitos tam irosamente  
 Traspassar viam aquelles crueis.  
 O mãos tam duras, ó corações duros,  
 Como pudestes fazer tal crueza?  
 Outras mãos venham, que vo-las arranquem  
 Com mór crueza.

Que duros Getas, mas que Liões, que Ussos<sup>1</sup>  
 Não amansára tam fermoso rosto?  
 Que ira tam brava não tornára branda  
 Hũa só mágoa de tam doce boca?  
 Que mãos tão cruas não atáram logo  
 Aquelles crespos seus ricos cabellos?  
 Aquelles olhos em que pedras duras  
 Não imprimíram brandura? ó que mágoa!  
 O que crueza tam féra, e tam bruta!  
 Moça innocente por amor só morta:  
 Com gente armada, como forte imigo.  
 Tu, Deos, que o viste, ouve o clamor justo  
 D'aquelle sangue, que t'está pedindo  
 Crua vingança.

<sup>1</sup> Usavão os antigos indifferentemente d'estes dous vocabulos —  
*usso e urso.*

## ACTO V.

---

IFFANTE, MESSAGEIRO.

IFFANTE.

Outro Ceo, outro Sol me parece este  
 Differente daquelle, que lá deixo  
 Donde parti, mais claro, e mais fermoso.  
 Onde não resplandecem os dous claros  
 Olhos da minha luz, tudo he escuro.  
 Aquelle he só meu Sol, a minha estrella,  
 Mais clara, mais fermosa, mais luzente  
 Que Venus, quando mais clara se mostra.  
 Daquelles olhos s'alumia a terra,  
 Em que sombra não ha, nem nuvem escura.  
 Tudo alli he tam claro, que té a noite  
 Me parece mais dia, que este dia.  
 A terra alli s'alegra, e reverdece  
 D'outras flores mais frescas, e melhores.  
 O Ceo se ri, e se doura differente  
 Do que neste Orisonte se me mostra.  
 O soberbo Mondego com tal vista

Parece que ao grã mar vay fazer guerra.  
 D'outros ares respira alli a gente,  
 Que fazem immortaes os que lá vivem.  
 O Castro, Castro, meu amor constante!  
 Quem me de ti tirar, tire-me a vida.  
 Minh'alma lá ma tens, tenho cá a tua.  
 Morrendo hũa destas vidas, ambas morrem.  
 E avemos de morrer? póde vir tempo  
 Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,  
 Indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?  
 Nem achar os teus olhos tam fermosos,  
 De que os meus tomam luz, e tomam vida?  
 Não posso cuidar nisto, sem os olhos  
 Mostrarem a saudade, que me fazem  
 Tam tristes pensamentos. Viviremos  
 Muitos annos, e muitos: viviremos  
 Sempre ambos nest'amor tam doce, e puro  
 Raynha te verey deste meu Reyno,  
 D'outra nova coroa coroadada  
 Differente de quantas coroáram  
 Ou de homês, ou mulheres as cabeças.  
 Então serão meus olhos satisfeitos:  
 Então se fartará da gloria sua  
 Est'alma, que anda morta de desejos.

MESSAGEIRO.

O triste nova, triste messageiro<sup>1</sup>  
 Tens ante ti, senhor.

<sup>1</sup> Obsoleto; diz-se hoje *mensageiro*.

IFFANTE.

Que novas trazes?

MESSAGEIRO.

Novas crueis; cruel sou contra ti,  
 Pois m'atrevi trazê-las. Mas primeiro  
 Socega teu sprito: e nelle finge  
 A mór desventura, que te agora  
 Podia acontecer: que grã remedio  
 He ter o sprito armado á má fortuna.

IFFANTE.

Tens-me suspenso. Conta: que acrescentas  
 O mal com a tardança.

MESSAGEIRO.

He morta Dona Ines, que tanto amavas.

IFFANTE.

O Deos, ó Ceos! que contas? que me dizes?

MESSAGEIRO.

De morte tam cruel, que he nova mágoa  
 Contar-ta: não me atrevo.

IFFANTE.

He morta?

MESSAGEIRO.

Si.

IFFANTE.

Quem ma matou?

MESSAGEIRO.

Teu pay, com gente armada  
 Foy hoje salteá-la. A innocente,  
 Que tam segura estava, não fugio.

Não lhe valeo o amor, com que te amava.  
 Não teus filhos, com quem se defendia.  
 Não aquella innocencia, e piedade,  
 Com que pedio perdão aos pés lançada  
 D'elRey teu pay, que teve tanta força  
 Que lho deu já chorando. Mas aquelles  
 Cruéis Ministros seus, e Conselheiros  
 Contr'aquelle perdão tam merecido  
 Arrancando as espadas se vão a ella  
 Traspassando-lh'os peitos cruelmente;  
 Abraçada cos filhos a matáram,  
 Que inda ficáram tintos do seu sangue.

## IFFANTE.

Que direy? que farey? que clamarey?  
 O fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!  
 O minha Dona Ines, ó alma minha  
 Morta m'es tu? morte ouve tam ousada  
 Que contra ti pudesse? ouço-o, e vivo?  
 Eu vivo, e tu és morta? ó morte crua!  
 Morte céga mataste minha vida,  
 E não me vejo morto? abra-se a terra.  
 Sorva-me num momento : rompa-s'alma,  
 Aparte-se de hum corpo tam pezado,  
 Que ma detem por força.  
 Ah minha Dona Ines, ah, ah minh'alma!  
 Amor meu, meu desejo, meu cuidado,  
 Minh'esperança só, minh'alegria  
 Mataram-te? mataram-te? tua alma  
 Innocente, fermosa, humilde, e sancta

Deixou já seu lugar? ah de teu sangue  
 S'enchêram as espadas? de teu sangue?  
 Que espadas tam cruéis, que cruéis maõs?  
 Ah como se movêram contra ti?  
 Como tiveram forças, como fios .  
 Aquelles duros ferros contra ti?  
 Como tal consentiste Rey cruel?  
 Imigo meu, não pay, imigo meu!  
 Porque assi me mataste? ó Lioês bravos!  
 O Tygres, ó serpentes! que tal sede  
 Tinheis deste meu sangue, porque causa  
 Vós não vinheis em mim fartar vossa ira?  
 Matareis-me, e vivêra. Homês cruéis  
 Porque não me matastes? meus imigos,  
 Se mal vos merecia, em mim vingareis  
 Esse mal todo. Aquella ovelha mansa  
 Innocente, fermosa, simples, casta  
 Que mal vos merecia? mas quizestes  
 Como imigos cruéis buscar-me a morte  
 Não da vida, mas d'alma. O Ceos, que vistes  
 Tamanha crueldade, como logo  
 Não cahistes? O montes de Coimbra  
 Como não sovertestes taes Ministros?  
 Como não treme a terra, e s'abre toda?  
 Como sustenta em si tam grã crueza?

## MESSAGEIRO.

Senhor, pera chorar fica assaz tempo :  
 Mas lagrymas que fazem contr'a morte?

Vay ver aquelle corpo, vay fazer-lhe  
As honras, que lhe debes.

IFFANTE.

Tristes honras!

Outras honras, senhora, te guardava :  
Outras se te deviam. O triste, triste!  
Enganado, nascido em cruel signo,  
Quem m'enganou? ah cego que não cria  
Aquellas ameaças! mas quem crêra  
Que tal podia ser?

Como poderei ver aquelles olhos  
Cerrados pera sempre? como aquelles  
Cabellos já não de ouro, mas de sangue?  
Aquellas mãos tam frias, e tam negras,  
Que antes via tam alvas, e fermosas?  
Aquelles brancos peitos traspassados  
De golpes tam crueis? aquelle corpo,  
Que tantas vezes tive nos meus braços  
Vivo, e fermoso, como morto agora,  
E frio o posso ver? hay como aquelles  
Penhores seus tam sós? ó pay cruel!  
Tu não me vias nelles? meu amor  
Já me não ouves? já não te ey de ver?  
Já te não posso achar em toda a terra?  
Chorem meu mal comigo quantos m'ouvem.  
Chorem as pedras duras, pois nos homês  
S'achou tanta crueza. E tu Coimbra  
Cubre-te <sup>1</sup> de tristeza pera sempre.

<sup>1</sup> Está *cubre-te* por *cobre-te*, como agora dizemos.

Não se ria em ti nunca, nem s'ouça  
Senão prantos, e lagrymas : em sangue  
Se converta aquella agoa do Mondego.  
As arvores se sequem, e as flores.  
Ajudem-me pedir aos Ceos justiça  
Deste meu mal tamanho.  
Eu te matey, senhora, eu te matey.  
Com morte te paguei o teu amor.  
Mas eu me matarey mais cruelmente  
Do que te a ti matáram, senão vingo  
Com novas crueldades tua morte.  
Par'isto me dá Deos sómente vida.  
Abra eu com minhas mãos aquelles peitos.  
Arranque delles hūs corações feros,  
Que tal crueza ousáram : entam acabe.  
Eu te perseguirey, Rey meu imigo.  
Lavrará muito cedo bravo fogo  
Nos teus, na tua terra, destruidos  
Verão os teus amigos, outros mortos,  
De cujo sangue s'encherão os campos,  
De cujo sangue correrão os rios,  
Em vingança daquelle : ou tu me mata,  
Ou fuge da minh'ira, que já agora  
Te não conhecerá por pay. Imigo  
Me chamo teu, imigo teu me chama.  
Não m'es pay, não sou filho, imigo sou.  
Tu, senhora, estás lá nos Ceos, eu fico  
Em quanto te vingar : logo lá voo.  
Tu serás cá Rainha, como foras.

Teus filhos, só por teus serão Iffantes.  
Teu innocente corpo será posto  
Em estado Real : o teu amor  
M'acompanhará sempre, té que deixe  
O meu corpo co teu; e lá vá est'alma  
Descansar com a tua pera sempre.

FIM DOS VERSOS DO DOUTOR ANTONIO FERREIRA.